

O RECORTE DE REGRAS VARIÁVEIS: ALGUMAS REFLEXÕES

Ivanilde da SILVA (PG-UFSC)*

Joana ARDUIN (PG-UFSC)**

1. Introdução

Estudos como os de Câmara Jr. (1979), Oliveira e Silva (1984,1991,1998), Perini (1985), Menon (1994,1996), Abraçado (2000) mostraram que, com a entrada dos pronomes pessoais *você(s)* no paradigma pronominal do português brasileiro (PB), por volta do século XVIII, ocorreu uma mudança no quadro de pronomes do PB e, assim, os possessivos *seu(s)/sua(s)* passaram a ser ambíguos, porque, além de se referirem à terceira pessoa do singular e do plural, passaram a se referir também à segunda pessoa do singular e do plural, acompanhando os pronomes *você(s)*¹. De acordo com Menon (1995:94), a forma pronominal *você* deixa de ser pronome de tratamento de terceira pessoa, e passa a representar a segunda pessoa/receptor.

Da mesma maneira, conforme ocorrido com o pronome *você*, outra forma foi incorporada ao paradigma pronominal do PB, o pronome *a gente* que, pelo processo de gramaticalização², passou a integrar o novo paradigma como pronome pessoal, concorrendo, por mecanismos ainda desconhecidos, com os pronomes *nós* e *eu*³ (cf. Menon 1994:105). Deste modo, para a segunda pessoa do singular temos a alternância entre *tu* e *você*⁴ e para a primeira pessoa do plural *nós* e *a gente*, conforme mostram os exemplos abaixo⁵:

- (1) aí um grupo resolveu uma, um amigo me falou ... pô, vamos lá, vamos lá, \emptyset começamos a treinar juntos, o importante é treinar juntos (Urologista, idade:45).

* ivabsilva@ig.com.br

** joarduin_2002@yahoo.com.br

- (2) existem várias doenças dentro da medicina, que surgem especificamente pra parte cirúrgica, que a gente pode constatar, são doenças que nós podemos classificar como neoplásicas, doenças de ordem vascular [...] (Neurocirurgião, idade:29).

Os fragmentos de fala acima mostram que os pronomes *nós* e *a gente* são intercambiáveis, na posição de sujeito, podendo designar vários referentes. Estas formas pronominais são intercambiáveis porque podem ser alternadas sem provocar mudança de

referente.⁶ No exemplo (1), a interpretação do verbo [começar +desinência -mos] é possível somente pela análise de todo enunciado porque somente a forma verbal sem a presença pronominal não é auto-suficiente para revelar o referente, *grupo de amigos*. Da mesma maneira, no exemplo (2), os pronomes *nós* e *a gente* aparecem explicitamente nas sentenças, mas também só são interpretáveis no desenvolver do discurso. A interpretação, levando também em consideração o tempo verbal (atemporal), revela o referente: *a classe médica em geral*.

Nesta perspectiva, o objetivo deste artigo é refletir sobre a noção de regra variável. Para isto, elegemos a variação das formas pronominais, na função de sujeito, *nós* e *a gente* e das formas possessivas de *segunda pessoa*, *teu(s)/tua(s)/seu(s)/sua(s)/de você(s)/do(a) senhor(a)/dos(as) senhores(as) e terceira pessoa seu(s)/sua(s)/dele(s)/dela(s)*, a partir do recorte da regra variável proposta pela teoria variacionista (cf. Wenreich *et alii* 1968; Labov 1972).

2. A mudança no paradigma pronominal do PB

No quadro 1, de acordo com Menon (1995), o pronome *você* está concorrendo com o pronome *tu*. Oliveira e Silva (1998) e Menon (2000) apresentam o processo de gramaticalização pelo qual passou o pronome *você* até que se especializasse como pronome pessoal de segunda pessoa

do singular, competindo com o pronome pessoal *tu*, como acontece em algumas regiões do Brasil, no sul: Santa Catarina e Rio Grande do Sul e em estados do nordeste, ainda não bem delimitados (Cf. Menon 1995: 96). O pronome *você* originou-se da expressão *Vossa Mercê*, a princípio forma de tratamento respeitosa, que, devido às modificações sociais sofridas pela sociedade portuguesa, sofreu alterações fonéticas, conforme mostra a seguinte cadeia: *vossa-mercê* > *vosmicê* > *vancê* > *você*, e por conseguinte, *cê*, no PB (cf. Menon 1995 e Vitral 1996).

A locução nominal *a gente*, também sofreu transformações, primeiramente, era empregada para se referir “às pessoas” em geral. Passando pelo processo de gramaticalização, chegou à categoria de pronome pessoal, concorrendo, atualmente, com as primeiras pessoas do singular e do plural, *eu* e *nós*, como já mencionado.

De acordo com Biderman (1972/73), Câmara Jr. (1979), Menon (1995), entre outros, o pronome *vós* desapareceu do paradigma pronominal atual, permanecendo o pronome *vocês* que representa a segunda pessoa gramatical do plural. Interessante é que a forma pronominal *vocês* entrou na língua no mesmo período do pronome *você*, e notamos que *tu* e *você* ainda estão em variação, enquanto que o pronome *vós*, segundo Menon (1995:95), se tornou arcaico no século XVIII.

Assim, apresentamos o quadro atual do paradigma pronominal em uso do PB:

Pessoa	Pronomes Pessoais	Pronomes Possessivos
1ª singular	Eu	Meu, minha
2ª singular	Tu, você	Teu, tua, seu, sua, de você, do(a) senhor(a)
3ª singular	Ele, ela	Seu, sua, dele, dela
1ª plural	Nós, a gente	Nosso, nossa, da gente
2ª plural	Vocês	Seus, suas, de vocês, do(as) senhor(as)
3ª plural	Eles	Seus, suas, deles, delas

Quadro 1: pronomes pessoais e possessivos do PB (cf. Menon 1995).

Constatamos que o sistema pronominal atual do PB possui curiosidades no que se refere à variação, ao mesmo tempo em que algumas variações acarretaram mudanças, como, por exemplo: *vós/vocês*, outras formas permanecem em competição: *tu/você, nós/a gente, seu(a)/teu(a)*, entre outros.

Com a mudança do quadro dos pronomes pessoais, pelo fenômeno de encaixamento, outras mudanças ocorreram, como é o caso dos possessivos *seu(s)/sua(s)*, podendo, assim, se referir aos pronomes *ocê(s), ele(a) e eles(as)*. Câmara Jr. (1979), Perini (1985), Oliveira e Silva (1998) levantam a questão da ambigüidade de *seu/sua*, por se referirem à segunda e à terceira pessoas, e reconhecem que, na fala com menor grau de formalidade, os indivíduos empregam a forma *dele/dela* para tornar claro o enunciado, ou seja, desambigüizá-lo.

Camara Jr. (1979) e Abraçado (2000) salientam que, com a entrada do pronome *você* para a 2ª pessoa, o possessivo *seu* passou a ser utilizado com o pronome *você* em detrimento de *ele, eles e vocês*, e que somente em relação a *você*, o *seu* não desperta nenhum tipo de ambigüidade. Segundo Abraçado, o possessivo *seu* se especializou como forma possessiva do *você* e os possessivos referentes a *ele, eles e vocês* estão sendo preenchidos por sintagmas possessivos da forma [de + N] = [pai *dele*/pai *deles*/pai *de vocês*]. Conforme Abraçado (2000), as formas [de + N] contribuem para que o *seu* seja possessivo exclusivo do pronome *você*.

De acordo com o quadro 1, exposto acima, percebemos que outras formas genitivas, do tipo [de + N], estão presentes na língua, como, por exemplo: *de você(s), da gente, do(a) senhor(a)* e, desta maneira, estão competindo com os pronomes possessivos.

3. Há variação nos estudos sintáticos?

Com a publicação do artigo *Empirical Foundations for a theory of Language Change* (1968), Weinreich, Labov e Herzog partem da premissa segundo a qual a heterogeneidade e a variabilidade são características inerentes à língua, rompendo, desta forma, com os pressupostos do

estruturalismo saussureano que postulava o caráter homogêneo e imutável da língua.

Para Labov, a variação lingüística é um princípio geral e, neste sentido, as mudanças não ocorrem aleatoriamente, partem de pressões internas e externas à língua, evidenciando o caráter heterogêneo do sistema lingüístico. Para sistematizar seu estudo na comunidade de fala, a metodologia variacionista de análise opera com variantes, que, conforme a definição de Tarallo (1999: 8), “são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade”.

Na fonologia, como mostraram os primeiros estudos labovianos, os conceitos de *mesmo contexto* e *mesmo valor de verdade* não são colocados em cheque, no entanto, quando a discussão abre para outros níveis de análise, como, por exemplo, no âmbito da sintaxe, a delimitação da regra variável pode ser questionada.

Labov & Weiner (1983) discutem a variação no plano sintático ao estudarem a oposição entre *passivas sem agente* e *ativas genéricas* considerando-as como variantes de uma mesma variável. Para os autores, estas estruturas mantêm o mesmo significado referencial, por remeterem ao mesmo estado de coisas. Neste estudo, os fatores sociais, que no âmbito fonológico costumavam ser relevantes, não foram significativos para a análise. Assim, os autores chegam à conclusão que ambas as formas são semanticamente equivalentes e o que motiva a escolha de uma ou de outra forma são os fatores internos, não os externos como apontavam os resultados dos estudos fonológicos.

Este estudo despertou críticas em Lavandera (1977)⁷, “as unidades de níveis além do fonológico como um morfema, um item lexical ou uma construção sintática, cada uma tem por definição um significado”. Para a autora, a variação não fonológica afeta formas com significado. Por esta razão, a noção de variável sociolingüística não seria aplicável a outros níveis de análise fora do âmbito fonológico. A autora rejeita a possibilidade de formas sintáticas serem variantes de uma mesma variável, e propõe que a noção de mesmo significado seja ampliada para *comparabilidade funcional*.

Bentivoglio (1987: 14), ao retomar a polêmica entre Labov e Lavandera, diz que: “em sintaxe, não é possível encontrar contextos iguais tal como na fonologia. Porque as razões que sustentam a impossibilidade de encontrar casos de autêntica variação sintática são indubitavelmente fortes”.

Assim, o recorte de uma regra variável não fonológica exige análise e reflexão para que questionamentos como os de Oliveira (1987: 21) sejam respondidos: “*afinal, onde começa a variação?*” e “*quais são os casos que merecem o rótulo de variável lingüística?*” Para o autor, o cuidado para não incluir num mesmo envelope de variação casos em que não há variação é indispensável, mas para isto as noções de contexto e de valor de verdade também são imprescindíveis para a delimitação da regra variável.

Nas palavras de Oliveira (1987: 32-33), “os sistemas lingüísticos conspiram contra as variações”, embora, na língua, sempre haja (há) casos de variação, “uma vez surgida ela deve ser resolvida”, permanecendo ou a forma nova ou a antiga na fala de uma determinada comunidade, gerando estabilidade. Mas isto não significa que outros elementos lingüísticos não estejam variando dentro do sistema lingüístico. E uma vez detectada a variação ela pode ser sistematizada através da seleção da regra variável.

Com base em Oliveira (1987), discutiremos a delimitação de regras variáveis em âmbitos mais amplos de análise; para isso dois fenômenos serão apresentados nas subseções seguintes: a intercambialidade das formas pronominais *nós e a gente* e das formas *possessivas de segunda pessoa teu(s)/tua(s)/seu(s)/sua(s)/de você(s)/do(a) senhor(a)/dos(as) senhores(as) e terceira pessoa seu(s)/sua(s)/dele(s)/dela(s)*.

3.1 Regra variável referente aos pronomes *nós e a gente*

A questão inicial é: como delimitar a regra variável para os pronomes *nós e a gente* já que podem designar referentes diferentes?

Os pronomes *nós/a gente* quando se referem à primeira pessoa do plural se constituem em diferentes maneiras de se dizer a mesma coisa.

No entanto, se observarmos a quem *nós/a gente* se referem no decorrer de uma entrevista, por exemplo, veremos que seus significados mudam constantemente podendo designar: *um grupo de pessoas, uma instituição, ou várias instituições, eu/emissor ...* Assim, perguntamos: *nós/a gentes* seriam variantes de uma mesma variável? Ou existe mais de uma regra variável atuando? Como bem postulou Bentivoglio (1987: 14), “se quisermos encontrar contextos iguais tal como fazemos em fonologia, deveríamos renunciar antes de começar” a estudar os contextos sintáticos.

Entendemos que os pronomes *nós/a gente* são duas formas diferentes de se dizer a mesma coisa, na posição de sujeito, contexto em que as variantes co-ocorrem. O lugar privilegiado para que essas variantes sejam interpretadas é o discurso, já que o léxico apenas, ou melhor, as formas pronominais não são auto-suficientes para designar (por si só) o(s) referente(s).

Vejamos o fragmento abaixo:

- (3) [...] o que nós⁸ estamos tentando criar na verdade é um conceito de reintegrar tudo isso porque além dessa parte não-invasiva que *a gente te falou* [...] nós também temos a parte invasiva (Cardiologista, 37 anos).

Nesse trecho da entrevista, há pistas de que o pronome *a gente* também pode significar *eu/emissor*. O informante, ao falar '*que a gente te falou*', deixa uma marca textual: o pronome *te* que se refere ao interlocutor, evidenciando que o pronome *a gente* significa, nesse fragmento de fala, *eu/emissor*.⁹

Deste modo, como considerar as formas pronominais *nós/a gente* como variantes se elas remetem a uma variedade de referentes? Propomos duas alternativas que seriam, a nosso ver, caminhos para se tentar resolver o problema da variável para este caso.

Uma das alternativas seria restringir a lente de análise, delimitando para cada significado uma regra variável, *nós/a gente*. Desta maneira,

teríamos várias regras variáveis atuando dentro do mesmo contexto. Outra alternativa seria ampliar o domínio da regra variável, aumentando, o foco de análise, de modo a abranger todos os significados possíveis dentro de uma escala de possibilidades. O fenômeno investigado, seria, então, o processo de *(in)determinação do referente* que se manifesta através de duas expressões distintas de sujeito, *nós/a gente* (cf.: Silva 1992: 36). *Neste último caso*, o falante tem duas formas diferentes de expressar o sujeito, ou melhor, uma escala de significados que estariam dentro do mesmo *domínio funcional*, preservando o mesmo estado de coisas. Notemos os dois quadros abaixo:

Uma regra variável para cada significado:

nós/a gente=eu
nós/a gente=eu+tu
nós/a gente=eu+tu+ele(s)
nós/a gente=eu+ele(s) - [eu+meu(s) irmão(s)]
nós/a gente=genérico

Quadro 2 - contexto: posição de sujeito

Uma regra variável apenas

nós/a gente=eu
=eu+tu
=eu+tu+ele(s)
=eu+ele(s) - [eu+meu(s) irmão(s)]
=genérico

Quadro 3 - contexto: posição de sujeito

Em se tratando do quadro 3, cabe ao pesquisador eleger condicionamentos de outros níveis de análise, como os semânticos, por exemplo, para investigar quais motivações favorecem o uso de uma ou outra forma pronominal que designam referentes tão distintos no desenvolvimento do discurso. É importante ressaltar que dentro *do mesmo*

domínio funcional os referentes, mais determinados ou menos, mantêm o mesmo valor de verdade, preservando o mesmo estado de coisas.

Observemos, no quadro abaixo, a variabilidade de referentes que *nós* e *a gente* podem designar numa situação de interlocução¹⁰. Quanto à intercambialidade, a forma pronominal *a gente* pode ser substituída pelo pronome *nós*, e vice-versa, preservando o mesmo significado no mesmo contexto de análise, independentemente de o referente ser claramente identificado ou não:

<p>Secretária – meu pai é Romeno e minha mãe é húngara ... e eles sempre se preocuparam com a profissionalização, inclusive, da mulher [...] Então a gente tem que trabalhar, a gente tem que pensar, não é que a gente necessariamente necessitava, mas a gente vivia nesse espírito de que a vida é uma coisa de que sempre precisa realizar os seus projetos. E meus irmãos e eu, decidimos que nós fomos vender suco do lado do fruteiro da nossa casa. Fomos um fracasso empresarial completo, fora a família ninguém comprou (risos).</p>	<p>A gente tem que trabalhar/pensar=todas as pessoas ou as pessoas da família? A gente necessitava/vivia=as pessoas da família. Decidimos que nós fomos vender=meus irmãos e eu. Fomos=meus irmãos e eu.</p>
<p>[...] Secretária – olha o João Carlos teve oportunidade de ver na FEBEN ... ahh nós lançamos essa semana passada ahhh 75 orquestras de crianças e jovens nas FEBENs. Por que a gente lançou? Porque nós já temos 110 crianças como estas, chama-se projeto Guri é um projeto que eu já encontrei na secretaria e que nós resolvemos fazer crescer [...]</p>	<p>Nós lançamos=a secretaria da cultura ou eu/sect. de cult.? Que a gente lançou=a secretaria da cultura ou eu/secretária da cultura? Nós já temos=a secretaria da cultura ou eu/secretária tenho ou o estado de São Paulo ou as famílias ...? E que nós resolvemos fazer crescer=a secretaria da cultura ou eu/secretária de cultura?</p>
<p>... ahh e nós temos 23 mil jovens, fora esses da FEBEN [...] Todos ou em favelas [...] São 400 na Cracolândia, com os seguintes resultados: zero de criminalidade entre esses jovens [...] e nas FEBENs [...] taxa zero de reincidência criminal [...] Nós pedimos ajuda pro Antônio Hermínio e Antônio Hermínio patrocinou 2400 instrumentos pra colocar em todas as FEBENs [...]</p>	<p>Nós temos=a secr. da cultura ou eu/sect. da cult. ou o estado de São Paulo? Nós pedimos ajuda=a secr. da cultura ou eu/secretária da cult.?</p>
<p>e nós entramos com os custos dos maestros e professores.</p>	<p>Nós entramos=a secr. da cult. ou eu/sect. da cult.?</p>
<p>E com isso a gente vai ter em cada FEBEN uma orquestra [...]</p>	<p>A gente vai ter=a secr. da cult. ou eu/sect. da cult. ou o estado de São Paulo?</p>

Percebemos que não importa qual das duas formas seja empregada pelo falante, porque a referência estabelecida permanece a mesma. Cabe ressaltar aqui a importância de analisarmos as informações

prévias e posteriores aos pronomes *nós/a gente* devido à *multiplicidade de referentes* que estas formas pronominais podem designar, sendo interpretáveis somente dentro do discurso em andamento. Obviamente que outras pistas textuais facilitam a identificação do referente, como por exemplo, *o tempo e aspecto verbal*¹.

Neste sentido, *nós/a gente* são *pronomes camaleões* que mudam de cor na proporção em que o discurso prossegue. Na verdade, uma mesma forma pronominal pode significar os mesmos ou diferentes referentes, e ainda a referência estabelecida pode estar sujeita a outras interpretações. Assim, questionamos: como o ouvinte/leitor consegue interpretar o referente se só as formas pronominais *nós/a gente* não são auto-suficientes? A informação, ao que tudo indica, não está explícita lingüisticamente nas formas e sim no próprio desenrolar do discurso, na interação face a face principalmente, momento em que praticamente não ocorrem dúvidas quanto às referências estabelecidas no discurso. Quanto à variabilidade de interpretações são, a nosso ver, detectadas durante a análise de entrevistas transcritas, o que caracteriza outro momento e outro tipo de interação.

De acordo com Koch & Marcurschi (1998: 174), “no contexto do discurso, todos os referentes são evolutivos, já que sempre haverá uma mudança, ou seja, os referentes modificam-se à medida que o discurso se desenrola”. Isto quer dizer que estas formas pronominais podem alternar suas “cores” como *dois camaleões* que se “adaptam” ao ambiente, podendo assim possuir significados referenciais diferentes, como, por exemplo: *eu/emissor, eu+tu, uma instituição, várias instituições etc.*

Conforme Albán e Freitas (1991: 35), essas categorias abrangentes das formas pronominais *nós/a gente* “não apresentam marcas formais que as distingam, sendo evidenciadas apenas a partir do contexto mais amplo, do enunciado, ou mesmo do discurso”.

Mas, ressaltamos que esta gama de possíveis referentes não prejudica a premissa inicial de regra variável: “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto com o mesmo valor de verdade”, pois as formas pronominais em questão são intercambiáveis

no contexto em que co-ocorrem, que dentro do *mesmo domínio funcional* preservam o mesmo estado de coisas ou o mesmo valor de verdade.

Entretanto, é preciso, neste caso, também cercar *o envelope da variação*. O pronome *a gente* não está em variação em todas as funções, pois esta forma não é modificada por determinantes, como: *todos nós, nós dois etc.* Isto quer dizer que construções com indefinidos limitam-se ao pronome *nós*: *todos nós*¹², *alguns de nós etc* (cf. Omena 2003: 65), assim como em expressões: “digamos assim”, “vamos dizer”, “vamos supor” etc, e imperativos: “vamos, vamos” (cf. nota 6, neste artigo).

3.2 Regra variável referente aos pronomes possessivos de segunda pessoa

As possíveis formas de representação possessiva para a 2ª pessoa do singular são: *seu/sua, teu/tua, de você e do(a) senhor(a)*, e a segunda pessoa do plural *seus/suas, teus/tuas, de vocês e dos(as) senhores(as)*.

Conforme Oliveira (1987: 22), a noção de *contexto e valor de verdade* devem permanecer para as quatro formas de representação apresentadas acima, ao ponto de permitir que haja variação entre elas, mantendo-se o mesmo significado, em um mesmo enunciado, conforme ilustram os exemplos abaixo¹³:

- (4) “Essa aqui é *tua*¹⁴ tia, esse aqui é não sei quem, não sei mais quem”, aí ficou naquele rolo: que um queria quando eu era pequena, mas a Maria não quis dar. (SCFLP03L184)
- (4a) “Essa aqui é *sua* tia, esse aqui é não sei quem, não sei mais quem”, aí ficou naquele rolo: que um queria quando eu era pequena, mas a Maria não quis dar.
- (4b) ? “Essa aqui é a tia *de você*, esse aqui é não sei quem, não sei mais quem”, aí ficou naquele rolo: que um queria quando eu era pequena, mas a Maria não quis dar.

- (4c) ? “Essa aqui é a tia *da Senhora*, esse aqui é não sei quem, não sei mais quem”, aí ficou naquele rolo: que um queria quando eu era pequena, mas a Maria não quis dar.
- (5) “Era sim, que os *teus* dentes estão todos cheios da flanela da minha saia que está toda rasgada.” (SCFLP08L492)
- (5a) “Era sim, que os *seus* dentes estão todos cheios da flanela da minha saia que está toda rasgada.”
- (5b) ? “Era sim, que os dentes *de você* estão todos cheios da flanela da minha saia que está toda rasgada.”
- (5c) ? “Era sim, que os dentes *do Senhor* estão todos cheios da flanela da minha saia que está toda rasgada.”

Acreditamos que, quanto à intercambialidade das formas possessivas de segunda pessoa, há diferença quanto ao significado estilístico, mas elas mantêm o mesmo significado referencial, portanto, são consideradas variantes de uma mesma variável (cf. Labov & Weiner 1983 e Bentivoglio 1987).

3.3 Regra variável referente aos pronomes possessivos de terceira pessoa

As possíveis formas de representação possessiva para a 3^o pessoa do singular são: *seu/sua e dele/dela*, e para a 3^o pessoa do plural *seus/suas e deles/delas*.

Para discutir a regra variável dos possessivos de terceira pessoa, tomamos algumas reflexões de Müller (1997). A autora acredita que as formas possessivas de terceira pessoa estão se especializando segundo o eixo semântico de referencialidade. Por esta razão, teremos que fazer uma análise mais aprofundada quanto ao recorte da regra variável, para não tratarmos como variação casos em que, de fato, não há variação (cf. Oliveira 1987).

Com base em Oliveira (1987: 22), as sentenças (6) e (7) abaixo mantêm o mesmo *contexto e valor de verdade*. Desta maneira, estamos diante de uma regra variável, pois é possível a substituição da forma genitiva *dele* pelo possessivo *seu* sem que interfira no contexto e no valor de verdade, conforme ilustrado nas sentenças (6a) e (7a) abaixo:

(6) Então o Julinho, eu nunca me lembro o sobrenome *dele*, o Julinho. (SCFLP23L346).

(6a) Então o Julinho, eu nunca me lembro o *seu* sobrenome, o Julinho.

(7) Hoje a gente vê as pessoas virem cansadas dentro do ônibus, às vezes do trabalho, uma mãe bota a criança do lado *dela* e vem toda vida. (SCFLP04L220) ;

(7a) Hoje a gente vê as pessoas virem cansadas dentro do ônibus, às vezes do trabalho, uma mãe bota a criança do *seu* lado e vem toda vida .

Observando a sentença (8), percebemos que não é possível a substituição pela forma genitiva *dele* como em (8a), o que torna a sentença agramatical. Desta maneira, nestes contextos não há variação. Estes casos estariam em distribuição complementar, nos termos de Wenreich *et alii* (1968: 162) “*the layers must be in competition, not in complementarity*”.

(8) Em casa, cada um segue a *sua* religião que quer, né? (SCFLP17L671);

(8a) * Em casa, cada um segue a religião *dele* que quer, né?

Outra restrição que precisamos analisar para o recorte da regra variável são os casos em que o referente é totalmente específico, conforme mostram as sentenças abaixo:

(10) Aí ela conheceu o marido *dela* hoje, não quis mais voltar, casou. (SCFLP08L192)

(10a) ? Aí ela conheceu o *seu* marido hoje, não quis mais voltar, casou.

Nestes casos, o possessivo *seu* pode ser interpretado como 2^o ou 3^o pessoa, causando ambigüidade no enunciado (10a). Segundo Câmara Jr. (1979), Perini (1985), Oliveira e Silva (1998), em contextos ambíguos, as pessoas utilizam a forma genitiva *dele/dela* para desambigüizar o enunciado, como dito anteriormente. Portanto, de acordo com Müller (1997: 21), há uma relação entre o antecedente e a escolha do possessivo utilizado na sentença. Quando o antecedente é genérico, a forma favorecida é *seu*, enquanto que antecedentes mais específicos favorecem a forma *dele*.

4. Considerações finais

De acordo com as discussões apresentadas neste artigo, não só os casos de variação fonológica podem ser sistematizados. Para isto, como postulou Labov (1978), *o envelope de variação* deve ser bem recortado, mas cuidados devem ser tomados para que a lente da regra variável não reduza as variantes a ponto de a variação entre formas ser eliminada, e “tudo” na língua passar a ser *distribuição complementar*, como discutido anteriormente.

Com relação à multiplicidade de referentes que os pronomes *nós* e *a gente* podem designar, como bem postulou Koch e Marcuschi (1998: 189), eles “vão sendo submetidos a uma série de mudanças” no decorrer do discurso realizadas de modo extremamente variado e dinâmico. Neste sentido, o processo de *(in)determinação do referente*, manifestado através de duas expressões distintas de sujeito, *nós* e *a gente*, não prejudica a noção de regra variável postulada por Labov em seus primeiros estudos sociolinguísticos. Na realidade, estas formas pronominais em questão possibilitam ao falante uma escala de significados que dentro do mesmo *domínio funcional* preservam o mesmo estado de coisas ou o mesmo valor de verdade.

Do mesmo modo, analisando os dados de possessivos de segunda pessoa *teu/seu/de você* e *do Senhor* parece haver uma diferença unicamente estilística, com a manutenção do mesmo contexto e valor de verdade. Já para os possessivos de terceira pessoa, parece haver uma especialização de formas, em que o pronome *seu* (terceira pessoa) se restringe a ambientes genéricos e *dele* a ambientes específicos, caracterizando casos de distribuição complementar (cf. Müller 1997).

Referências Bibliográficas

- ABRAÇADO, J. O possessivo seu – diferentes tipos de ambigüidade e de posse. *Gagroatá*. Niterói, n. 9, p. 193-203, 2000.
- ALBAN, M. R.; FREITAS, J. Eu, você et alia em três diálogos. *Estudos Lingüísticos e Literários*, n. 11, Instituto de Letras. Salvador: UFBA, p.25-38, 1991.
- BENTIVOGLIO, P. A. A variação nos estudos sintáticos. *XIV Estudos lingüísticos. Anais de seminários do GEL*. Campinas, Unicamp, p.7-29, 1987.
- BIDERMAN, M. T. C. Formas de tratamento e estruturas sociais. *Alfa* 18/19, 1972-1973..
- CÂMARA JR., J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. 3.ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- KOCH, I. V.; MARCUSCHI, L. A. Processos de referenciação na produção discursiva. *D.E.L.T.A.*, v.14, n. especial, p.169-100, 1998.
- LABOV, W. & WEINER, J. Constraints on the agentless passive. *Journal of Linguistic* 19(1). p. 29-58, 1983.

LAVANDERA, B. R. Where does the sociolinguistic variable stop? *Language Society*. Printed in Great Britain, v.7, p.171-182, 1977.

MENON, O. P. S. *Analyse sociolinguistique de l'indétermination du sujet dans le portugais parlé au Brésil, à partir des données du NURC/SP*. Université Paris VII, 1994.

_____. O sistema pronominal do português do Brasil. *Letras*, Curitiba, n^a.44, p.91-106, 1995.

_____. Pronome de Segunda pessoa no Sul do Brasil: tu/ você/ o senhor em Vinhas da Ira. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.35, n.1, p. 121-163, mar, 2000.

_____. Clíticos e possessivos em Curitiba: implicações para o ensino. *Anais do II Simpósio Nac. do GT de Sociolinguística da ANPOLL*. Rio de Janeiro: UFRJ, p.101-116, 1996.

MÜLLER, A. L. A lógica subjacente à variação entre as formas possessivas de terceira pessoa: seu versus dele. *Revista da ANPOLL*, n^a 3, p. 11-32, 1997.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. de. Variação no sistema possessivo da terceira pessoa. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, 78/79 : 54-72, 1984.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. de. Um caso de definitude. *Organon*, Porto Alegre, 18 : 90-108, 1991.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. de. Estertores da forma seu na língua oral. In: OLIVEIRA E SILVA, G. M. de. e.; SCHERRE, M. M. P. (org). *Padrões sociolinguísticos*. 2.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 171-181, 1998.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. de. Estertores da forma seu na língua oral: resultados sociais In: OLIVEIRA E SILVA, G. M. de. e.; SCHERRE, M. M. P. (org). *Padrões sociolingüísticos*. 2.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 297-307, 1998.

OLIVEIRA, M. A. DE. Variável lingüística: conceituação, problemas de descrição gramatical e implicações para a construção de uma teoria gramatical. *D.E.L.T.A.* v.3, n.1, p.19-34, 1987.

OMENA, N. P. Referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In.: PAIVA, M. C.; DUARTE, E. L. (orgs.). *Mudança em tempo real*, Rio de Janeiro: Capa Livraria, p. 63-80, 2003.

PERINI, Mário Alberto. O surgimento do sistema possessivo do Português Coloquial: uma interpretação funcional. *D.E.L.T.A.* v.1, n.1 e 2, p.1-16, 1985.

SILVA, V. L. P. DA. A relevância dos fatores internos. In.: Mollica, C. M. (org). *Introdução à sociolingüística*. UFRJ, p.33-37, 1992.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. 6ª edição. São Paulo: Ática, 1999.

VITRAL, L. A forma cê e a noção de gramaticalização. *Revista Est. Ling.*, Belo Horizonte, ano 5, n.4, v.1, p.115-124, 1996.

WEINREICH, U. LABOV, W. & HERZOG, M. "Empirical foundation for a theory of language change". IN: Lehman & Malkiel (ed.) *Directions for historical linguistics*. Austin, University of Texas Press, 1968.

Notas

¹Da mesma maneira, na língua espanhola, o pronome *Vuestra Merced*, que em algumas regiões tomou o espaço do pronome *tú*, também passou a ser ambíguo.

² Gramaticalização é “a mudança de estatuto de um termo da língua: ao perder “significado”, um item lexical passa a ter uma função gramatical” (VITRAL, 1996:116).

³ Para uma exemplificação desta acepção, reportemo-nos à seguinte situação: Estivemos recentemente num bar em que um músico, numa apresentação solo, fez referência a si próprio usando o pronome *a gente*. [A gente = eu] “uma paradinha de quinze minutos e *a gente* volta já.” (Músico. Idade: +/- 45 anos).

⁴ Por limitações de espaço, exemplificaremos somente os casos de variação entre *nós* e *a gente*.

⁵ Os exemplos 1,2 e 3 são fragmentos de fala recortados de entrevistas cedidas por uma jornalista (ambiente das entrevistas: jornalista+informante). Tanto os informantes (profissionais liberais) quanto a jornalista trabalham na cidade de Blumenau/SC.

⁶ Mas isto não quer dizer que esta alternância das formas pronominais *nós* e *a gente* aconteça em todas as situações de comunicação. Dependendo do contexto de interlocução, mudanças de estilo serão freqüentes, ou como define Labov (1978): *acomodação do ouvinte*. Assim, quanto mais formal for a fala entre os interlocutores a tendência é de que o pronome canônico, *nós*, prevaleça.

⁷ Tradução nossa.

⁸ Neste exemplo, não analisaremos as duas outras ocorrências do pronome *nós*, a análise se concentrará no pronome *a gente* significando *eu/emissor*.

⁹ Esta entrevista foi realizada por uma jornalista que entrevistou um médico. Na sala em que a interlocução aconteceu, só estavam presentes a jornalista e o informante. Assim, esta é outra pista para que a interpretação da expressão: “a gente te falou”, seja o *eu/emissor*.

¹⁰ Entrevista (secretária de cultura do estado de SP) exibida, em dez/2003, no programa Jô Soares. Os pontos de interrogação servem para sinalizar outras possíveis interpretações detectadas pela pesquisadora ao analisar a entrevista transcrita.

¹¹ Tempo e aspecto verbal não serão analisados neste artigo.

¹² Na fala, o problema da quantificação é resolvido da seguinte maneira: “a gente tudo foi passear”; “nóys tudo fumu passear”, havendo, desta maneira, a possibilidade de variação.

¹³ Exemplos retirados do Banco de Dados do Projeto Varsul.

¹⁴ As entrevistas do Projeto Varsul não propiciam o diálogo, os entrevistados são induzidos a falar mais de si, por este motivo não há muitas ocorrências dos possessivos de 2ª pessoa.